

# **FUNK: UMA EXPERIÊNCIA COM O CURRÍCULO CULTURAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

VALENTINA PIRAGIBE



**A**tematização a seguir foi realizada no modo remoto com os 1<sup>os</sup> anos dos cursos técnicos Eletroeletrônica, Informática e Mecânica integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo, campus Bragança Paulista, entre os meses de setembro e dezembro de 2021.

A ideia surgiu a partir da pergunta que fiz aos estudantes sobre a música *Baile de favela* escolhida pela ginasta Rebeca Andrade nas Olimpíadas de Tóquio. Por que a música não foi cantada durante a coreografia de solo? ‘Porque é uma música com a linguagem chula’, ‘A música não foi cantada pois a letra é bem pesada’. Após pesquisarem sobre as regras da ginástica de solo, iniciamos a tematização do funk.

Também considerei o Projeto Político-Pedagógico da instituição que traz, dentre seus princípios norteadores, o seguinte:

[...] o desafio cotidiano para a prática pedagógica docente é o desenvolvimento de ensino de qualidade junto à ampla gama de públicos que procuram por profissionalização e inserção no mundo do trabalho, mas sem perder de vista a formação integrada. Uma formação integrada, além de possibilitar o acesso a conhecimentos, promove a reflexão crítica sobre os padrões culturais, sobre as referências e tendências estéticas que se manifestam em tempos e espaços históricos, e incorpora os valores ético-políticos. (Grifos nossos)

Estes princípios coadunam em grande parte com a proposta do currículo cultural da Educação Física, o que possibilitou, durante o mapeamento inicial com os estudantes, identificar a relevância do funk.

Comecei mostrando vídeos de James Brown e solicitando que os estudantes descrevessem e analisassem o cenário: roupas, cabelos, instrumentos da banda e estilo musical. Pedi que observassem o chão bem liso e os deslizos com os pés.

Em outra aula, forneci trechos do artigo *Identidades em diáspora: bailes Black no Brasil* e solicitei que pesquisassem o início do funk no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os estudantes pesquisaram o que foi o movimento *Black Power* e apresentei vídeos mostrando Nelson Triunfo dançando em um curso que ele ofereceu. Também apresentei vídeos de Tony Tornado. Pedi que observassem o visual de ambos e os estudantes falaram dos cabelos que representavam o orgulho negro.

Assistiram vídeos mostrando que o funk no Brasil em sua fase inicial era praticamente instrumental, ao som de “LPs” americanos e o DJ Malboro incentivando os primeiros Mcs. E assistiram a um vídeo dos bailes funk no Rio de Janeiro com jovens dançando ao som do MC Batata com a música *Feira de Acari*. Um estudante afirmou que o funk de antes não era sexualizado como o de hoje.

Analisando o clipe da música *Feira de Acari* tocada em um baile funk identificaram passos de funk com facilidade, já no clipe dos estúdios da empresa *Furacão 2000* com Claudinho e Buchecha não.

Neste último, observaram diferentes estilos de dança na mesma música com rebolados, passos em grupo terminando em palmas os quais comentaram no chat da sala de apoio<sup>1</sup>: “que legal os passinhos sincronizados, kkkkk”, semelhantes aos que já haviam visto em vídeos anteriores e dois rapazes bem habilidosos com passos rápidos que consideraram ser os MCs do local. Um estudante descreveu: “as dançarinas são coreografadas, e o povo é meio” “funk” não sei o nome certo, passinho do Rio de Janeiro clássico.” Outro escreveu: “nossa as gurias dançando parecem umas lacraia.” Também

---

<sup>1</sup> Em alguns encaminhamentos pedagógicos os alunos se distribuem em salas virtuais de apoio para realizarem as análises, conversarem entre si e depois voltarem para a sala virtual principal e apresentarem suas impressões. Circulo pelas salas de apoio para conversas e perguntas. Também tenho acesso ao chat dos estudantes nessas salas e é ali que eles realmente falam o que pensam sem inibição. Eles sabem que tenho acesso a essas conversas e posso supor que eles não se importam que eu veja ou esquecem que tenho acesso. De qualquer maneira, são momentos mais abertos da aula onde aparecem os afetos.

observaram que na dupla de cantores, os dois usavam bonés, um vestia uma camiseta do Botafogo e o outro uma camiseta do Corinthians:

A camisa do Corinthians kk, um arraso né, camisa simples, perfeita, por mim a gente falava disso, é mesmo, é sobre isso, Mano, o outro tá com uma do Botafogo, isso é funk paulista ou carioca véi? Kllllkkk, kkkk misto, vontade de ir na favela da rocinha com uma peita da pm, o pessoal lá atrás tá dançando, estilo de dança funk, Acho muita homofobia letra funk camisa funk, é só pra fala as impressões, mano vou meter uma filosofada fds falar algo tipo Baducamente esse funk fala sobre a relação abalada de um casal que se encontra num baile e volta?

Comentamos que a dupla representava as próprias pessoas que estavam assistindo e o que elas gostam e assistem como o futebol de dois grandes times brasileiros e que talvez também fosse marketing da empresa *Furacão 2000* por querer associar os cantores com dois grandes times do país e não ficar limitado ao público fluminense.

Em outra aula apresentei um vídeo de Nelson Triunfo dançando no centro de São Paulo. Este vídeo possibilitou várias análises. Em certa altura, Nelson Triunfo troca de calçado e explica que no breaking se utiliza o tênis, mas que para o funk ele utiliza um calçado de “solado” [calçado social]. Perguntei aos estudantes por que o calçado de solado é melhor e algumas respostas foram:

Pois os tênis que ele utilizava antes não eram apropriados para dança, não tinham uma superfície lisa, o que poderia atrapalhar na hora da movimentação dos passos de dança.

Nelson Triunfo trocou de sapatos pois ele queria vestir um calçado que representasse o movimento Black Power, e também porque ele é apropriado para as danças na rua por causa do material que é feito.

Por respeito ao estilo original, o funk original.

Colocou um sapato adequado de dança, algo leve, sem cadarço e que desliza. Ele ia fazer mais a parte do original funk, então ele tirou, pois, essa dança necessita de um sapato de sola.

Enquanto o grupo dança no calçadão com um som portátil que eles mesmos transportam e as pessoas param para assistir, passa um carro de polícia. Nesse instante parei o vídeo e perguntei aos estudantes se imaginavam qual seria a sequência do vídeo. Alguns estudantes ficaram apreensivos quanto à atitude dos policiais. Mas ao dar continuidade ao vídeo, os dançarinos abrem espaço na roda, o carro passa, todos se cumprimentam e a roda continua. Nelson Triunfo se afasta para falar com o câmera e explicar que antigamente a polícia chegava dando pontapés e batendo, mas que hoje parece que entendem que é arte. Algumas alunas mais envolvidas com dança falam que às vezes ainda existe preconceito.

Retomamos o clipe da música *Feira de Acari*, já que a letra havia chamado bastante a atenção dos estudantes quando se reuniram nas salas virtuais de apoio durante as análises:

Mano eu achei engraçado a música, eu também kkkkkk, a música é sobre a feira de acarai, kkkk, os pulinhos kkkk, acari na verdade, tem que falar da dança também? E tudo rima, sim, sim, é bastante organizado até a dança, achei bem sincronizado, no começa da pra ver que tem uma galera que estava dançando sincronizado, talvez eles tenham cansado, já que na dança eles pulam o tempo todo, é para falar da roupa também? Acho que da roupa não. A Favela de Acari, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, é uma favela com pelo menos cinco décadas de existência e quase 30 mil habitantes atualmente só curiosidade sobre Acari.

Além das análises do vídeo, tiveram a curiosidade de pesquisar sobre a feira de Acari na internet. Quando conversamos na sala virtual principal sobre a letra da música, perguntei se eles imaginavam porque fala que os produtos são muito mais baratos nessa feira do que no comércio das lojas. Falaram que é mais barato porque têm menos imposto, porque são usados, porque são produtos feitos em casa e um aluno disse que era mais barato para atrair as pessoas para comprar drogas.

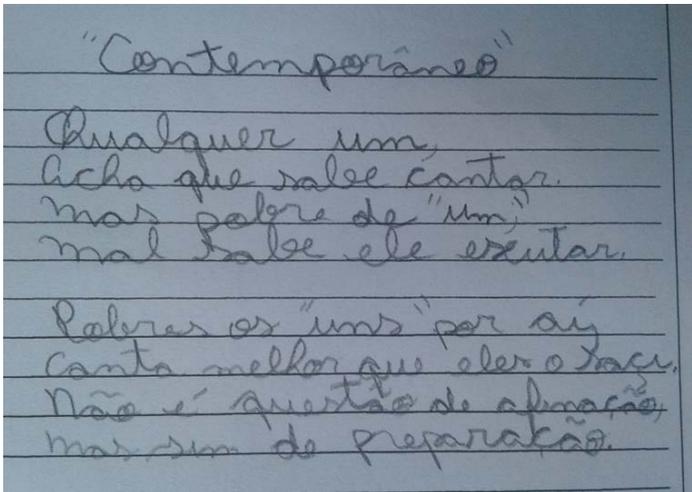
Apresentei para as turmas outra versão para a mesma feira, desta vez no formato de notícia, com a editora Buba Aguiar, do Coletivo Mariachi e

da agência de notícias da Favela de Acari – RJ. Esta reportagem mostra que a feira é o sustento de famílias que vendem frutas, verduras ou roupas, um local para conversar e encontrar amigos e referência e orgulho dos moradores daquela favela. Pedi que os estudantes imaginassem como seria a letra do funk *Feira de Acari* com esta outra visão.

Falamos sobre o ato de escrever letras de músicas e citei que tanto no rap e quanto no funk existem as batalhas de rimas, onde os Mcs criam suas composições no mesmo momento em que as apresentam. Falei de aspectos importantes a serem observados para se fazer rimas improvisadas e apresentei um vídeo com uma batalha de rima Rap x Funk. Também apresentei a base chamada tamborzão ou atabaque utilizada como fundo musical para estimular a composição de letras de funk. Solicitei que, a partir de um tema da preferência deles, compusessem uma letra com rimas. Furneci como apoio o resumo de um site de estudos da Língua Portuguesa sobre rimas. Os temas escolhidos foram variados, tratando de amor, política, história do Brasil, covid-19 e distanciamento social:

Todo dia logo cedo  
Eu conquisto meu sustento  
Tenho que enfrentar o medo  
E esconder o meu lamento  
Eu combato o preconceito  
Ignoro o mal olhar  
Pois o pobre trabalhador  
Não pode descansar

E nessa pandemia  
Mal tenho o que comer  
Se foi a alegria  
O que é que vou fazer?  
Peço um pouco de piedade  
Para o meu Senhor  
E um pouco de esperança  
Pra esse pobre sonhador



Eu faço a rima no conceito por que  
Tem tanta gente sofrendo preconceito  
Por causa da sua pele etnia ou sua cor e  
O outro por ser branco se acha o imperador  
E é nossa hora que temos que nos juntar  
E pelo direito das minorias lutar

Assistiram ao vídeo do programa da TV Cultura *Manos e Minas* que levou ao ar uma matéria sobre a Batalha do Passinho e pedi que interpretassem a fala do DJ Fatah sobre os bailes funk de rua e sobre o funk como expressão cultural:

Assim como o funk carioca, os bailes funk na rua sofrem muito preconceito, por ser muito ligado e relacionado aos jovens negros de periferia e principalmente por ser bailes na rua onde a democracia é aberta e logo todos podem se aproximar e dançar.

Refletem tudo que "vivemos", letras não tão conscientes, mas para festejar, estando presentes no hip hop, funk, samba, sertanejo.

A expressão cultural reflete um pouco a realidade das pessoas que estão produzindo ela, então o funk surgiu ali de uma realidade de pessoas da

periferia, já tivemos letras mais conscientes, temos letras que falam sobre amor, relações e além disso também temos letras que refletem os problemas sociais como machismo, isso por influência das expressões culturais.

Quando pedi que pesquisassem sobre o funcionamento da geração de renda ligada ao funk, uma estudante trouxe o seguinte **material**:

O funk movimenta cerca de R\$ 127 milhões por ano no estado. O número inclui os lucros com a bilheteria dos bailes, cachês, venda de CDs e DVDs, o dinheiro recebido por Mcs e Djs e até mesmo o lucro dos camelôs, de acordo com uma pesquisa da FGV. Apesar do potencial econômico, o funk ainda enfrenta o preconceito e o desafio de ser reconhecido como uma manifestação cultural. “Infelizmente o que assistimos é o funk sendo tratado como caso de polícia”, afirmou o antropólogo Hermano Vianna, que participou de audiência pública promovida pelas Comissões de Direitos Humanos e Cultura no plenário da Alerj na terça-feira (25/08), que reuniu funkeiros e parlamentares para discutir questões como o preconceito e a criminalização da música e destacar a importância cultural e econômica do ritmo.

Então, mostrei-lhes o site da Associação dos Profissionais e Amigos do Funk (Apafunk), um coletivo que apresenta os direitos trabalhistas para MCs e demais trabalhadores do funk e objetiva a organização política. Dentre outras ações, criaram uma cartilha informativa para MCs, já que alguns trabalhavam em condições precárias em termos contratuais e de direitos autorais. Pedi que pesquisassem a Lei nº 5.543/2009 que trouxe conquistas para o funk.

Ao final da tematização, solicitei uma autoavaliação e minha hipótese inicial de que não dançaram por timidez ou por não gostarem de dançar se confirmou nas respostas de alguns estudantes. A influência do ensino remoto não foi citada, mas transparece em outros momentos, como durante as aulas síncronas em que nenhum estudante abria sua câmera, nem quando precisavam apresentar um trabalho.

Suponho que os conhecimentos/vivências desses estudantes sobre o funk não foram suficientes para que se filmassem dançando e admito que

perdi uma oportunidade de ampliação quando perguntei no início quem conhecia James Brown. Muitos afirmaram não conhecer, alguns se surpreenderam quando apresentei os vídeos porque não associavam a música que já conheciam com seu autor e, principalmente, uma estudante respondeu que conhecia porque ouvia com seu pai. Deixei escapar a oportunidade de participação desse pai.

Mesmo assim, acredito ter contribuído com a reflexão dos estudantes sobre o funk, atendendo o princípio do Projeto Político-Pedagógico do campus, conforme identifiquei a relevância da tematização quando perguntei sobre a música *Baile de favela* e, também, durante as aulas pelas externalizações das significações dadas ao funk.

Além da autoavaliação, solicitei que escrevessem um relatório apontando as atividades que mais chamaram a atenção durante a tematização do funk:

[...] músicas chicletes com batidas viciantes, o que fazem as pessoas ouvirem mais de uma vez. [...] a maioria é sobre falar o que tem, o que conquistou, e isso leva pela maioria dos funkeiros, serem de comunidade e terem vencido na vida com a música e incentivando a meninos e meninas menores a conquistar também.

A que mais me chamou atenção foi como começou, e principalmente sobre o dançarino do cabelo black e a comparação de como era antes e como é hoje, vemos uma enorme diferença de tratamento dentro da sociedade e dos Oficiais também, tudo isso graças a movimentos e tudo mais. :)

Confesso que para mim que não aprecio este estilo musical, o assunto se torna bastante denso para se estudar, mas pude compreender que funk é uma manifestação cultural e artística. Me chamou muito a atenção saber que o funk é um canal de voz, o canal do desabafo deste povo periférico. Bom, vejo que a maioria dos funks, a sim de certa forma, um menosprezo com a mulher muitas vezes, linguagens impróprias, sendo assim, o que domina seria apenas essa imagem do que é o funk e o que ele remete, causando desprezos de muitas pessoas, mas não generalizo por que alguns, tem uma letra de vivência.

Ao longo do bimestre aprendemos muito sobre o funk, desde seu surgimento, como ao falar dos estilos musicais que deram origem a ele,

até como se encontra na atualidade, e como é visto pelas pessoas. Eu diria que para mim, o mais interessante foi ver justamente esse processo, de como ele foi criado e das transformações que passou ao longo do tempo. O gênero provou-se fascinante, englobando muitas variações e dividindo opiniões ao redor do mundo, especialmente no Brasil. Por fim, se eu tivesse que escolher uma aula em específico que gostei muito, seria a que foi sobre o Nelson Triunfo. Além da temática ser ótima, os vídeos dessa aula também foram incríveis.